Ano 1.º — N.º 10

Guimarães, 27 de Maio de 1916

O REPUBLICANO

PROPRIEDADE DO Centro Democrático Vimaranense

EDITOR E ADMINISTRADOR, António de J. Teixeira
Comp. e imp. Tipografia Pires

REDACTOR PRINCIPAL, Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

A MOCIDADE ACADÉMICA

Em carta publicada no *Vimaranense*, estranhava com razão um estudante, outro dia, a frieza abstencionista dos alunos das escolas e dos liceus perante o facto consumado da participação de Portugal na conflagração europeia.

Por mais sevéra e apertada que seja a disciplina, por mais estimulado e vivo o amor ao estudo, não faz realmente sentido nem com o dever primacial de educadôres como tão pouco com a nervosa e sentimental psicologia dos rapazes, êste abatimento do caracter, que outra cousa não é, no lance perigôso em que corre aventureiros riscos o sangue, a vida, a independência da Pátria.

Mesmo no tempo não distante em que a educação portuguêsa estava monopolizada em colegios mais ou menos fradêscos, e ainda quando os menores sintomas de rebelião picavam o animo frio, austeramente pacato, dos mestres de latim, sempre que então a consciência colectiva se agitava num sentimento de entusiasmo, os escolares quebravam os ferros e eram os primeiros e os mais calorosos nas manifestações populares.

Na dissolução em que vegetava a nossa sociedade, um dos peores males, de complexas e algumas ignoradas causas, era um outro ar mais pedante e menos viril, duma triste pobrêsa de sentimentos, que se vinha notando nas ultimas gerações, transformando, por exemplo, a academia de Coimbra das mais ardentes tradições democráticas num club molangueiro e esnóbico de cartolinhas com sua caixa de rapé e as camândulas.

Como depois de tôdos os movimentos revolucionários, a aristocracia acordou os pergaminhos e fechou a sua ordem entre nós, mas, e paralelamente, os vencidos, os deslocados, os reacionários pintaram a fachada com o verniz de fidalguia sôbre o cêbo das tendas e o ranço das convicções, na vesania bovariana de fingirem de gente nobre. A mocidade, apertando as cintas dos casacos e mostrando as meias de sêda, tornou-se num docil instrumento obstrucionista, com muita cabula á mistura.

As apreensões que a sua atitude justificava para a continuação duma obra progressiva, que a ela sobretudo interessava, vem hoje acrescentar-se esta moleza que, por sua honra, cremos ser de pouca dura, mas que é verdadeiramente lastimável.

Compare-se um momento a acção cívica dos estudantes francêses, belgas e italianos com os nossos e confessem que ha no ensino português uma mola partida que não deixa funcionar livremente a dinámica alegre, impetuosa, altruista dos rapazes. E' que, levados pela mania dos programas farfalhudos, quizemos atulhar o cérebro dos estudantes, mas esquecemo-nos de espertar-lhes o caracter e de fazer-lhes vibrar o coração.

Filhos de Portugal, êles ouvirão soar a hora do seu dever e nós confiamos inteiramente em que hão de vingar com brio as passadas tibiêsas, confirmando a maxima de que os últimos são os primeiros.

ANTOLOGIA

Triste

Faz hoje um ano que a sorrir partiste,
Faz hoje um ano que a chorar fiquei ..
—Nem nunca tu por tanto bem sorriste,
Nem nunca eu por tanto mal chorei !

Com teu desdem de morte me feriste,
E ainda os olhos tristes te votei.
Triste ficando, tristemente triste,
Como um pastôr que vê partir um rei...

Nunca o mais breve instante nos casou;
Se o teu olhar alegre ia fugindo,
Ia-se o meu, tristissimo, chegando ..

—E se o nosso destino não mudou,
Inda deves de mim estar sorrindo,
Como por ti, Amor, estou chorando...

Luiz Coelho.

VÁRIA

Festas gualterianas

Ha alguns anos, um grupo de vimaranenses arrojados, compreëndendo inteligentemente quanto seria proveitôso a um concelho agricola e industrial e para o comércio duma cidade como Guimarães, excepcionalmente favorecida pelo pitorêsco da paisagem e que merece ver-se e estudar-se nos seus valiosos monumentos históricos, levantar do definhamento em que haviam caido as tradicionais feiras francas de S. Gualter, meteu hombros á arriscada empreza de as rejuvenescer, cercando-as do atractivo dumas festas, que fossem dignas do nosso nome—hospitaleiro, entusiástico, de caracteristico bom gôsto.

O quanto pôde o amor cívico que dedicavam á sua terra, os milagres de côr, de luz e de alegria duma pleiade de artistas distintos, até onde energias e intelligências levantaram honrosamente, vitoriosamente, com inexcedivel galhardia, marcando logo, na chusma mentirosa dos cartazes, um logar de privilegiado destaque, o patriótico movimento, escusa encarecer-se tanto entre nós como para os estranhos que aqui receberam as mais agradáveis impressões.

Havia êste ano por certo ponderosos argumentos contradizendo a sua realização e qualquer que fosse o designio da Associação Comercial, sôbre cujas direções ficou impendendo o nôvo dever, nunca agradaria a tôdos, porque não é menos forte a soma de motivos dos que defendem o evidente sacrificio necessário a que se não quebre a tradição.

Cremos bem que a Associação Comercial não podia sair-se mais airosamente da dificuldade do que submetendo-se á consulta directa do concelho — na forma prática do costumado peditório — para que sempre tão generosa como voluntariamente êle tem contribuido.

Se, quanto á oportunidade das festas, pode haver critérios divergentes, julgamos que estarão tôdos de acôrdo na precisão, hoje ainda mais acentuada porque mais vantajosa para a economia do concelho, de manter a feira, assegurando definitivamente o seu crédito por isso mesmo que se efectuam num ano de crise, e desinvolvendo-a, tornando-a inteiramente conforme á nossa importância industrial e agricola, á nossa actividade, á nossa honradês.

O próprio estado de guerra que atravessamos, impõi-nos a obrigação de levantar o trabalho nacional, de o defender, de o estimular. E a Associação Comercial não teve certamente em vista senão, cumprindo a mais justa obrigação do seu mandato, velar pelos interêsses do concelho, sem se quedar nem esmorecida nem amedrontada pelas dificuldades que tem a vencer.

*

Nunca tivemos a ingenuidade de supôr que á mais larga clemência do regime — abrindo de nôvo as portas aos que, dêsde a sua implantação, armaram em ridiculos e impertinentes profissionais da desordem, correspondesse, como o exigia o brio de cidadãos e o impunha o respeito ao nome de portuguêses, uma atitude de exclusiva dedicação patriótica. Assim aconteceu, é certo, na nobre França, onde as paixões políticas ardiam intensissimas, e que deu imediatamente o mais belo exemplo de amôr á pátria, cerrando tôdos fileiras, escondendo resentimentos, sem quebra de dignidade duns e doutros, adversários de ontem.

Quanto aos monárquicos, conhecemos, mesmo entre nós, muitos, cujo acertado procedimento, sendo digno de homens de bem, merece o nosso profundo respeito. Mas é com tristeza e nôjo que vamos notando os sintomas de mais uma aventura achincalhante, que será, como as outras, apenas um espectaculo de furiosos logo pateado e corrido, com a agravante, absolutamente indesculpável, de procurar cobrir-nos de ridiculo perante o mundo inteiro, fazendo o jôgo, servindo a causa dos inimigos da pátria, da Alemanha que nos declarou a guerra. Não podemos interpretar doutra fórma certa imprensa, que, não sabendo escrever, vem a cada dia largando coices e estêrco.

Que essas almas pequeninas reconsiderem pelo que tôdos devemos a Portugal.

Mônos de palha só servem para enxotar os pardais...

*

Conceitos sobre a educação

Cultiva na alma dos teus filhos a tenacidade, talisman de vitória, arma invencível dos triunfadôres e dos felizes. Anima-lhes extremosamente as ingenuas tentativas, consola-os no desastre dos seus esforços e aconselha-os a persistir, — a persistir sempre ! — explicando-lhes a causa do insucesso e os meios de a iludir.

Agostinho de Campos

*

Aquêle que só sabe de cór, não sabe nada.

Condillac

*

Criar mãis — eis tôda a educação das mulheres.

M.me Campan

*

A vida duma mulher está inteiramente abrangida nêstes dois termos: —esposa e mãi dum cidadão.

M.me de Rèmusat

As festas nacionais devem considerar-se parte essencial da educação pública.

Robespierre

*

A individualidade da criança sagrada.

Pestalozzi

*

L'amour de la patrie ne s'apprend point par cœur; il s'apprend par le cœur.

Ernest Lavisse

*

Diagnostico

Levanta-se a cabeça e simultaneamente,
a bôca se escancára; os labios desgrudados
deixam passar o ar, que torna abarrotados
cavernosos pulmões enchidos de repente.

O nariz, que ao simonte as cocegas consente,
as suas azas frange. Os olhos remelados,
as palpebras cerrando em tom de cortinados,
fecham quando o trovão passa ruidosamente...

Quem é que causa assim umas borrascas tais,
que geram logo e já tufões com que eu embirro,
pois pedem pára-raio de lanços reitorais

e fazem contrações—como a quem sofre um scirro!—
nos musculos subtis das regiões nasais?
—E' quem nos alivia... um nosso amigo...
—*o Espirro!*

Guimarães, 1888

Eduardo Carvalho

OS PADRES E OS CONSELHEIROS

Na obra de Eça de Queroz

I

O crime do Padre Amaro

José Migueis,

paroco da Sé de Leiria, morreu duma apoplexia, na madrugada do domingo de Pascoa.

Era um homem sanguineo e nutrido,—o *comilão dos comilões*—, e contando-se historias singulares da sua voracidade.

—«O Carlos da Botica—que o detestava—costumava dizer, sempre que o via sair depois da sesta, com a face afogueada de sangue, muito enfartado:

—Lá vai a giboia esmoer. Um dia estoura !

Com efeito estourou, depois duma ceia de peixe... Ninguem o lamentou, e foi pouca gente ao seu enterro. Em geral não era estimado. Era um aldeão; tinha os modos e os pulsos dum cavadôr, a voz rouca, cabelos nos ouvidos, palavras muito rudes.

Nunca fôra querido das devotas: arrotava no confessionário; e, tendo vivido sempre em freguesias da aldeia ou da serra, não compreëndia certas sensibilidades requintadas da devoção: perdera por isso, logo ao principio, quasi todas as confessadas, que tinham passado

para o polido PADRE GUSMÃO, tão cheio de *lábia!*

E quando as beatas, que lhe eram fieis, lhe iam falar de escrupulos, de visões, José Migueis escandalisava-as, rosnando:

—Ora historias, santinha! Peça juizo a Deus! Mais miôlo na bola!

As exagerações dos jejuns sobretudo irritavam-no:

—Coma-lhe e beba-lhe, criatura!

Era miguelista—e os partidos liberais, as suas opiniões, os seus

ornais, enchiam-no duma cólera irracionável:

—Cacete! cacete! exclamava meneando o seu enorme guarda-sol vermelho.

Nos ultimos anos tomara habitos sedentários e vivia isolado—com uma criada e um cão *Joli*. O seu unico amigo era o CHANTRE VALADARES que governava então o bispado, porque o senhor BISPO D. JOAQUIM gemia, havia dois anos, o seu reumatismo numa quinta do alto Minho.

O páraco tinha um grande respeito pelo chantre, homem sêco, de grande nariz, muito curto de vista, admirador d'Ovidio—que falava fazendo sempre boquinhas e com alusões mitológicas.

O Chantre estimava-o. Chamava-lhe *Frei Hercules*.

—*Hercules* pela força, explicava sorrindo, *Frei* pela gula.

No seu enterro ele mesmo lhe foi aspergir a cova; e, como costumava oferecer-lhe todos os dias rapé da sua caixa d'ouro, disse aos outros conegos, ao deixar-lhe cair sobre o caixão, segundo o ritual, o primeiro torrão da terra:

—E' a ultima pitada que lhe dou.

Todo o cabido riu muito com esta graça do senhor governador do bispado; o CONEGO CAMPOS contou-a á noite ao chá em casa do deputado Novaes; foi celebrada com risos deleitados, todos exaltavam as virtudes do chantre, e afirmou-se com respeito—*que sua excelencia tinha muita pilhéria*—».

O Conego Dias

era muito conhecido em Leiria.—Ultimamente engordara, o ventre saliente enchia-lhe a batina; e a «sua cabecinha grisalha, as orelhas papudas, o beiço espêsso faziam lembrar velhas anedoctas de frades lascivos e glotões.» Vivia com uma irmã velha, D. Josefa Dias, e uma criada. Gosava fama de rico, «dava jantares com perú, e tinha reputação o seu vinho *duque* de 1815.» O facto saliente da sua vida era a sua amizade com a senhora Augusta Caminha «a quem chamavam a S. Joaneira, por ser natural de S. João da Foz», e que morava na rua da Misericórdia e recebia hospedes.

Quando se soube, em Leiria, que Amaro Vieira fôra nomeado paroco, logo o conego concebeu a idea de o hospedar na S. Joaneira, como êle proprio disse ao coadjutor, passeando uma tarde na Ponte Nova: —Ah, Mendes! acrescentou, é uma rica mulher! —E bonita mulher, disse o coadjutor respeitosamente.— Lá isso! exclamou o conego parando outra vez. Lá isso! Bem conservada até ali!

Pois olhe que já não é criança! Mas nem um cabelo branco, nem um, nem um só! E então que côr de pele!—E mais baixo, com um sorriso guloso:—

E isto aqui ó Mendes, e isto aqui!—

Indicava o lado do pescoço debaixo do queixo, passando-lhe devagar por cima a sua mão papuda:—E' uma perfeição! E depois mulher de aceio, muitissimo aceio! E que lembrançasinhas!

.....

Eduardo d'Almeida

ADVOGADO

Consultorio—Rua de Gil Vicente.

A Mulher Francêsa e a Guerra

(Conferência de CAMILLE BELLAIGNE)

Minhas Senhoras...

E naturalmente tambem: Meus Senhores...

Mas hoje mais que nunca: Minhas Senhoras primeiro, sobretudo: Minhas Senhoras.

Deixai-me parar um momento nestas primeiras palavras, sôbre estas primeiras palavras, e pronuncia-las não sómente, como de costume, com vulgar cortezia, mas com respeito, com admiração, com reconhecimento, emfim— se o permitis— com amor. Na verdade, estou tentado a acrescentar a essas palavras, para fazer delas o vosso nome, todo o vosso nome glorioso, um título reservado outrora ás filhas dos nossos reis, mas comum hoje a todas as filhas da nossa Pátria.

Convictamente eu vos saudaria assim:

«*Mesdames de France*»

Iria mais longe ainda. Entre a França e vós estreitaria os laços. Vòs estais unidas a ela. Um dia—ha anos— ouvi uma conferência do eminente secretário duma das nossas três sociedades da Cruz Vermelha, sôbre os serviços prestados em Marrocos pelas nossas enfermeiras. Com muita graça e poësia, contou o orador a historia dum pequeno turco, doente ou ferido, que querendo agradecer á dama, á «dama branca», que o tratava, apenas lhe repetia no seu pobre falar africano: «*Y a bon, y a bon, Madame France.*»

A apelação encantou-me dêsde logo.

Confesso que ha vinte mêses, e de dia em dia, me fere mais profundamente ainda. «*Madame France!*».. Que aliança entre estas duas palavras!

E, por pouco que se reflicta, que aliança eterna, incomparável! Quem recordará tudo o que há, tudo o que houve sempre de feminino no destino e na gloria da nossa Pàtria!

Até o seu nome. Que os nossos inimigos digam *Deutschland*. Para êles, na sua lingua, o seu monstruôso país não tem sexo. Nós dizemos, nós: a França. Tem um nome de mulher, e sôbre ela, nela inteira, no seu rôsto e na sua alma, o encanto, a graça, a beleza da mulher se espalhou.

Uma mulher, mais duma vez, a salvou. «*Ya bon Madame France*».

Assim aconteceu dêsde o tempo de Genoveva, de Clotilde e de Joana, dessa Joana, ainda uma vez mais talvez nossa libertadôra, se, na vespera, ou no próprio dia, um dos dias da batalha do Marne, os nossos soldados tivessem recebido como palavra de ordem o seu nome, de novo tutelar e vencedôr.

.....

Como ela dá os seus, a mulher francêsa deu-se ela propria inteiramente.

Capaz, pelo seu heroismo, das mais sublimes empresas, é tambem competente para os mais modestos empregos pela sua humildade.

Basta nomea-la e logo a vemos á cabeceira dos feridos, no vestido branco com a cruz vermelha. As enfermeiras!.....

Quantas sofreram uma morte horrivel nos hospitaes bombardeados!—«Lembras-te, mamã, de eu sempre me queixar de não ser rapaz! Mas não é verdade, afinal, que morro como soldado?»..

Tais são as ultimas palavras duma rapariga de Reims. E no boletim que as refere, lê se, depois do seu nome, estas palavras: «Morta no seu pôsto, a 14 de Dezembro de 1914. Dezesete ferimentos. Dezoito anos.»

Num hospital de Reims ainda, no mesmo dia: «Quinze feridos mortos no leito, seis enfermeiras e quatro religiosas»—Ah, minhas senhoras, quantas litanias se poderiam compor em louvor da mulher francêsa! Quantos titulos de honra e de amôr, ela poderia receber! Tôdos êstes dias, folheando em vossa intenção noticias, relatórios, citações inumeráveis, via em cada página, o sublime, o sublime feminino, brotar.

Reims, 1914: «Sôb o fôgo dos obuzes inimigos, mostrou uma coragem heroica transportando a lugar seguro, á custa dos maiores esforços, os feridos do seu hospital em chamas»...

Pont-Saint— Mayence, 1915... Atravessou de noite, com as suas enfermeiras conduzindo um ferido, numa região perigosa. Ferida ela própria nas batalhas do Aisne.»

Lunéville, 1914 (extraído do diário duma enfermeira: «A catedral arde como um círio, a velha madeira de cédro embalsama o ar. Os velhos missais calcinados destolham-se sôbre a cidade e semeiam bocados de preces em bocados de ruinas, nêste desgraçado Reims torturado. Os sentimentos são elevados á mais alta intensidade; a fraternidade, o amor dos outros e sôbretudo, sôbretudo a gloria de sofrer pela Pátria bem amada, enchem o coração e matam quasi em nós o sofrimento.»

Eis o que faz a mulher francêsa. Eis o que ela escreve. E eis agora como ela grita: Arras (num hospital bombardeado):

«E' preciso salvar os feridos lá de cima, descê-los á cave. No baixo do escadario, contra a parêde, os enfermeiros olhavam-nos. Então eu gritei: «Vamos, homens, vós subireis tambem, pois que as mulheres sobem!...»

PORTUGAL E A GUERRA

Temos afirmado êste facto banal á fôrça de evidente:—que a sorte de Portugal está ligada á sorte da Inglaterra e da França.

Se era assim dêsde o principio do conflito, agora muito mais, depois que a Alemanha nos considerou beligerantes. A nossa situação é identica á da Belgica e da Sérvia, áparte os morticinios e ruinas que sofreram êstes povos sagrados pelo mais divino espírito de heroismo, por um amor sobrenatural á Liberdade, á Independência, á Justiça.

E esta situação é resultante da nossa tradicional política externa que resulta, por sua vez, *da nossa existência autonoma, na peninsula*. Tem, portanto, uma origem històrica e geográfica; isto è, uma origem duas vezes fatal e indestrutível para tôdos os portuguêses leais á causa da Pátria.

Poderiamos evitar a guerra, se houvessemos encarregado a Espanha de dirigir a nossa politica internacional, se abdicassemos da nossa personalidade europeia. Mas, nêsse caso, a independência de Portugal seria atingida de morte.

Teixeira de Pascoaes

Medicina de urgência
Emquanto não vem o médico

CONVULSÕES

I. Convulsão das crianças

A comoção dos pais é muito natural, pois que o espectáculo é dramático e terrivel. Todavia o perigo, se existe, não é imediato e não provêm, em regra, da cunvulsão, mas da doença de que ela é sintôma.

Ha crianças muito sujeitas a convulsões e que as sofrem a proposito do menor incidente, um alfinete que as pica um *bôbo* dolorôso. Por vezes uma doença aguda: sarampo, enterite, pneumonia, etc., começa assim. Muitas vezes uma simples indigestão as provoca; uma temperatura muito elevada favorece-as. Por vezes estão na dependência da albuminuria.

A mais terrivel das doenças que elas acompanham é a meningite. Mas, mesmo nesta doença, a convulsão não é em si mesma um sintôma grave. Não se deve pois, quando uma criança cai em convulsão, perder a cabeça e querer empregar cincoenta remédios populares, inuteis, muitas vezes nocivos.

Devemos lembrar-nos de que a convulsão é um sintôma e que não é ela que devemos tratar mas a doença em cuja dependência se encontra.

Desaperta-se a criança, coloca-se à vontade numa cama, onde não possa molestar-se, verifica-se se tem alguma arranhadura. *Não devem deitar-se sinapismos*, como se faz tantas vezes: é um meio de sobreexcitar o sistêma nervôso. Devemos abster-nos até que o médico faça o diagnóstico da causa e fixe consequentemente o tratamento, tratamento do ataque convulsivo e da doença causal.

Se o quarto estiver quente, transporta-se para outro. Se a convulsão sobreveio depois duma refeição copiosa, é provável que uma indigestão laboriosa cause ou complique a convulsão; nêsse caso, dá-se imediatamente ipeca, em forma de xarope ou de pó, e uma lavagem laxativa se houver prisão de ventre.

II. Convulsões dos adultos

E' mais uma ocasião de mostrar sangue frio e praticar uma abstenção razoável.

Desaperta-se o vestuário da pessoa doente para que respire livremente. Deita-se na cama. Impede-se de bater nas paredes ou nos moveis, sem nos obstinarmos em querer manter-lhe os membros numa completa imobilidade. Mete-se na boca uma rolha de pano para que não corte a lingua e não quebre os dentes. Depois observa-se com atenção a crise, para que se possa dizer ao médico como começou, porque fase passou, a gradação porque o doente voltou a si, porque êle terá de fazer o diagnóstico muitas vezes dificil da doença: histeria, epilepsia, uremía, etc.

Não são as crises espalhafatosas, sobretudo nas pessoas nervosas depois duma viva contrariedade, as que nos devem despertar mais inquietação.

O progresso de uma nação tem um factôr de capital importância que é, podemos assim dizer, sua alavanca—a instrução.

E' a instrução a base fundamental sôbre que assenta todo o vigôr, todo o poder de uma nacionalidade.

A instrução resume em si tudo quanto pode concorrer para o levantamento social de um povo.

E' preciso ser-se instruido para poder desempenhar a missão que a cada um cabe, e è tanto mais importante um povo quanto maior é a sua instrução.

E' ela a base do engrandecimento nacional, da economia e riquêsa de um paiz, da força e poderio de uma nação.

E' necessário instruir, instruir largamente para que todos os individuos possam saber avaliar a responsabilidade dos seus actos, conhecer os seus deveres e os seus direitos. Portugal carece que todos os seus filhos se unam pelos mais estreitos laços de amor pátrio para poder colocar-se ao lado das grandes nações, marchar na vanguarda dos paizes civilizados.

Mas para isso é preciso que se arranque de uma vez para sempre êsse véo de falta de instrução que dêsde longa data vem atrofiando a nossa vida social.

A monarquia parece que tinha interesse em conservar-nos nesta ignorância do que nos é essencial, e aqueles que mais podiam trabalhar eram os que mais combatiam a cultura intelectual.

E' por demais conhecida a influencia poderosissima do clero nêsses tempos. Pois ninguem melhor do que êle podia arvôrar a bandeira sagrada da pátria e preparar-lhe filhos trabalhadores, conscios dos seus actos, instruindo com amor, educando com carinho; desacordando os olhos ao nosso bom povo.

Mas não convinha isso: o povo devia ser um instrumento cego que se manejasse á vontade; devia ser um autómato só realisando os movimentos que lhe inspirassem. E assim foram atravessando os seculos, nesse automatismo criminoso e tão arreigado que é preciso agora uma força intensissima para fazê-lo desaparecer.

Muito tem feito a Republica tanto por iniciativa oficial como particular. Tem-se multiplicado as escolas, tem-se criado cursos profissionais, teem-se feito uma propaganda intensa a favor da instrução.

Mas ainda agora é que se principia e ainda é preciso lutar com tôda a energia para corrigir vicios do passado, de muitos dos quais ainda hoje vimos sofrendo as perniciosas consequências. O povo portuguez é bom, è honesto e trabalhador; o que é preciso é instrui-lo. Ministremos-lhe a instrução, a instrução verdadeira que faz homens de sã consciencia e caracter recto. E qual é essa instrução?

E' um conjunto de conhecimento que é preciso incutir no espirito de tôdos e que nós dividimos em trez partes: instrução literaria; instrução profissional; instrução social. Cada uma delas tem uma capital importância e hade ser o seu perfeito conhecimentos que ha-de levantar definitivamente a nossa querida pátria.

Alfredo Fernandes

Reforma administrativa

Devido aos esforços inteligentes do nosso querido amigo Souza Fernandes, ilustre senadôr e velho republicano, sofreu importantissimas alterações a reforma administrativa, sobretudo na parte da divisão, que era a que mais nos interessava. A elas nos havemos de referir devidamente no próximo numero, limitando-nos por hoje a noticiar que aquêle § unico do art. 1.º, que permitia ás freguesias onde estivessem situadas praias ou estancias de aguas minero-medicinais, a sua autonomia administrativa, foi completamente eliminada. A sua ex.ª as nossas saudações afectuosas.

*

Escolas de S. Lourenço de Sande

Numa das ultimas sessões do Parlamento, o snr. senadôr Silva Gonçalves referiu-se, e verberou com toda a justiça, a falta de cumprimento das disposições do subsidio de nove contos, doados pelo sr. Conde de Agrolongo para aquelas escolas, e que não teem tido a aplicação devida.

Muitas vezes se tem procurado remediar êsse indescupável desmazelo.

Oxalá ouçam agora s. ex.ª.

*

Companhia de seguros

A companhia de seguros «*O Futuro*», com o capital de 1:000$000, e cuja séde é em Lisboa, nomeou seu correspondente em Guimarães o nosso amigo e estimado comerciante Benjamim de Matos.

A companhia efectua seguros contra incêndios de prédios e fabricas, estabelecimentos e mobilias, roupas, joias, e livros, incêndios agricolas, gados, utensilios de lavoura, greves, tumultos, assaltos, maritimos e de guerra, de vida e accidentes de trabalho, temporarios e anuais.

*

Teatro D. Afonso Henriques

Na segunda feira, o Grupo scènico da Juventude Catolica de Braga levou á scena as comedias *Valentes a fingir* e *Metamorfose infeliz* e algumas cançonetas, e a Tuna orquestra executou lindas peças. O espectaculo, que esteve muito concorrido, agradou.

*

Posse

Tomou posse do lugar de escrivão de direito desta comarca, para onde veiu transferido a seu pedido da de Fafe, o snr. José Maria Baptista Ribeiro, que sabemos ser um funcionário de valor, homem inteligente e de caracter. Os nossos cumprimentos.

*

Falecimento

Em S. Paulo, onde residia ha anos, faleceu o nosso dedicado conterraneo Abel Pereira da Silva. A seu bondoso pai e nosso querido amigo snr. Antonio Pereira da Silva apresentamos muito sinceras condolencias.

*

Festas gualterianas

A direcção da Associação Comercial começou ontem o costumado peditorio para as festas gualterianas, sendo muito bem recebida.

*

Farmácia

MAIO — 28 — domingo. Estão abertas as farmácias do Hospital, aos Capuchos, e Martins, ao Largo dr. Alberto Sampaio.

*

Pela imprensa

Recebemos a visita do nosso colega — *A Voz Pública* —, bi-semanário republicano de Evora.

As nossas saudações.

«Tarde Piaste»

E' o título duma revista em 3 actos e 7 quadros, que a Companhia do actor Peixoto traz em ensaios, e de que é autor o nosso amigo Luis Teixeira Jacinto.

*

Avenida Cândido dos Reis

Mais uma vez vimos badalar aos ouvidos da ex.ma direcção das Obras Públicas, pedindo que mande proceder ás necessárias e urgentes reparações de que tanto carece esta avenida, uma das principais, senão a principal artéria da cidade.

O prometido é devido.

*

Carteira

Seguiu para o regimento de infantaria 22, aquartelado em Portalegre, o nosso amigo e correligionário sr. Diamantino, 2.º sargento de infantaria 20.

*

Teatro Gil Vicente

A companhia do actor Correia Peixoto levou á scena, no domingo, o drama *As duas orphãs*, e em beneficio e festa artistica de Correia Peixoto e Julia Peixoto: *O homem da bomba*, na quinta-feira, que agradou.

*

Amanhã representa-se a peça em 4 actos *João José* e, no final, o dueto do *Gelo e da Lareira*, da revista *Dominó*, pelo actor Alfredo Pereira e pela actriz Virginia de Souza.

*

Quinta-feira, em festa artística do actor Ernesto de Freitas e da actriz Aurora de Freitas, representa-se o drama a *Falsa Adultera*.

*

Caldas das Taipas, 22

Foi realmente de grande festa, nesta povoação, o dia 14 de Maio. A quermesse realisada pelo Núcleo Patriótico das Taipas decorreu animada, sendo muitas as pessoas que acorreram a comprar prendas, que as senhoras das Taipas iam vendendo, sempre afaveis e risonhas.

A excelente banda de infantaria n.º 20 fez se ouvir em lindas e harmoniosas peças do seu reportório, dêsde as 17 ás 19 horas.

Realisou-se tambem no hotel Braga, como tinhamos dito, o banquête de confraternização republicana, a que assistiram todos os nossos prezados correligionários das Taipas e muitos de Guimarães, entre os quais o ex.mo Snr. Mariano Felgueiras, ilustre presidente da Comissão Executiva da nossa Câmara.

Tomaram tambem parte no banquete as ex.mas esposas dos Snrs. Mariano Felgueiras, Guilhermino Rodrigues e José Fernandes, que muito concorreram para que êle fôsse animado e cheio de entusiasmo.

Brindaram, fazendo a apologia do dia 14 de Maio e saudando efusivamente a Republica, Dr. Afonso Costa, o exército, as nações aliadas etc., os ex.mos snrs. Mariano Felgueiras, A. L. de Carvalho, Dr. Alfredo Fernandes, Amadeu Almeida e Manoel da Silva Rocha.

—Já se encontra aberto o nôvo estabelecimento termal, achando-se já muitas pessoas em tratamento, entre as quais as ex.mas sras. D. Margarida Fernandes, D. Maria Leite Castro, D. Maria Alpoim e gentis filhas, D. Julia Guimarães, D. Maria Ferreira, D. Antonia Gonçalves, D. Candida de Macedo e os ex.mos srs. Antonio de Castro, Dr. Pedro de Barros, Domingos Gonçalves, Bernardino Barroso etc.

—Realisou-se, no passado domingo, um passeio ao pitorêsco local da Lesua, onde, em fraternal e alegre convivio, algumas das nossas mais distintas familias passaram uns momentos agradabilissimos e saborearam uma deliciosa merenda.

Correspondente

Cantina Escolar Vimaranense

Balancete mensal do estado financeiro da Cantina, relativo a Abril findo, alinea f) do artigo 5.º dos Estatutos:

Receita

Do antecedente . .	1.424$34,8
Importancia de quotas cobradas	7$50
Total da receita	1.41$,84,

Despesa

Importancia de pão de milho .	12$23
Pago á mercearia . . .	6$87
Ordenado da cozinheira . .	2$28
Idem da servente . . .	1$52
Despesas miudas da cosinha .	5$47
7 % ao cobrador . . .	5$2,5
1 vazo grande . . .	$30
Total da despeza	29$29,5
Saldo que passa para o mês seguinte, sendo 1.350$00 na caixa económica . . .	1.402$55,3

O tesoureiro

Luis Augusto de Pina

HORÁRIO DOS COMBOIOS

	Estações		4.as Feiras	2.as Feiras	Diário	Correio (a)	Sabados	Diário	
ASCENDENTES	Porto	P.			7,40		14,20	17,10	
	Trofa	P.		6.5 P.E.M.C.	8,32 P.E.M.C.	9.36 P.E.M.C.	15.18	18 05 E. M. C.	
	Guimarães	C.		8,26	10,02	11,10	16,48	19,19	
		P.	7,55 P. C.			11,18 P. C.		19,30 P. C.	
	Fafe	C	8,49			12,12		20,20	
			Diário (b)	4.as feiras	Dias uteis	Dom. e fer.	Sabados	Correio	Dom. e fer.
DESCENDENTES	Fafe	P.	6,45 P. C.	9,10				16,10 P. C.	
	Guimarães	C	7,37	10,01				17,04	
		P	7 48 E. M. C.		10,24 P.E.M.C.	11,50	14 P.E.M.C.	17.14 P.E M.C.	22,10 P.E M.C.
	Trofa	C.	9,07		11,49	13,23	15,43	18,46	23 30
	Porto	C.			12,52	15	16,55	20,30	0,39

As letras maiúsculas P. E. M. C entre Porto e Guimarães, designam respectivamente os apeadeiros de Palmeira, Espinho, Madalena e Covas, onde o comboio faz paragem para o movimento de passageiros; e P. C. entre Guimarães e Fafe, designam os apeadeiros da Penha e Cepães, para o mesmo fim.

—(a) Tem correspondencia com os comboios 1 e 12 do Minho.

—(b) Idem com os de Valença, Braga e Povoa.

Folhetim

N.º 6

F. Petrucelli de la Gatfina

Memórias de Judas

(*tradução expressamente feita; direitos reservados*)

II

Durante a minha longa permanência em Roma, ouvi muitas vezes falar da mulher do procuradôr da Judea, mas nunca a tinha visto. Claudia havitava na Caprea.

Era a ultima filha da celebre Julia, filha de Augusto, a quem êste, depois de a haver casado com Tibério, exilara por causa das suas orgias. Julia tivera dum romano esta filha no exilio. Mas, quando fizera treze anos, mandara-a ao seu ex-marido Tibério, que povoava a ilha Caprea de jovens pares para excitar a sua senilidade. Conhece-se a historia «dessas crianças, fortes, mas ainda de mama, que êle ensinava a brincar entre as suas pernas, quando estava no banho, e a quem chamava os seus peixinhos... Contava-se que um cidadão romano lhe havia legado um quadro de Parrhasius em que Atalanta era representada com Meleagro na mesma posição que as crianças com Tibério. O quadro valia um milhão de sestercios» (1).

Ora Claudia figurava para êle o papel de Atalanta.

Claudia era uma das estrêlas e um dos crimes da côrte de Cesar.

Dois ou três anos depois, Poncio-Pilatus, um Espanhol, chegava a Caprea.

Agradou a Tibério, não se sabe de que modo: Tibério tinha tôdas as fantasias do vicio.

—Que posso fazer para te agradar? perguntou-lhe um dia o velho imperadôr.

Pilatus vira Claudia. Sabia a função que desempenhava na côrte imperial. Apesar disso, pediu-a em casamento. Tibério consentiu.

(1) *Suetónio*—Tibério, XLIV

Estavam então na Baía (2). Tibério ordenou que fossem conduzidos ao templo de Diana na sua propria liteira e assistiu em pessoa aos esponsais, como uma das dez testemunhas exigidas por lei, e pôs êle proprio a mão de Claudia na de Pilatus. Feito o casamento, ao sairem do templo, Claudia entrou na liteira imperial, mas, no momento em que Pilatus se dispunha a acompanhar sua mulher, Tibério deteve-o e mandou aos oito escravos liburnios que andassem. Pilatus tremia por tôdo o corpo. Tibério tirou então um papirus do peito entregou-lho e partiu. Era uma ordem para se apresentar em Jerusalem como procuradôr da Judea.

Sejan esperava-o para o conduzir ao mar, onde uma bireme de guerra balouçava no porto, pronta a largar as velas.

Eis o que diziam Mas talvez Deus visse outra coisa. Seis anos passaram. Julia, a mãi de Claudia, morrera.

Tibério cansara-se talvez de Atalanta. Pilatus mandava despachos sobre despachos, que pintavam o canto da Syria em que êle reinava como terra m[illegible] pelas seita rebeldes, sempre animadas para a revolta. (3)

Claudia era persegnida pelo amor de Sejan. Pediu a Cesar para ir juntar-se a seu marido o que obteve. Tibério fez mais ainda. Encheu-a, êle tão avaro, de prendas: cavalos, escravos, joias, dinheiro, e escreveu a Pomponius Flaccus—o mesmo que êle nomeara governadôr da Syria porque tinham passado juntos dois dias e duas noites a beber—para que considerasse Claudia como sua parenta, lhe obedecesse e a honrasse como tal. A bireme imperial foi esperala em Brunduzium, onde embarcou acompanhada da guarda imperial e duma côrte, como se fôsse a imperatriz.

A viagem decorreu feliz.

Claudia parou apenas alguns dias em Rhodes para descansar, e depois veio desembarcar em Joppa.

Pomponius Flaccus esperava-a.

(2) Cidade da Italia antiga, muito apreciada, no tempo dos romanos pelas suas aguas e beleza. (*Nota do trad.*)

(3) Tôdos os dias se assistia na Judea a revoltas populares, falava-se em provocações á independência, em milagreiros, chefes que prometiam cumprir as profecias.

Arrastavam as massas ao deserto e aí proclamavam-se a qualidade de Elias, de Messias, de Cristos . e eram enviados ao suplicio. *Salvador*, I, pag. 197.

Os enviados da cidade de Jerusalem tinham chegado havia dois dias.

Jonathan, o segundo filho de Hannah, era o chefe da deputação judia.

O sol erguia se por detrás das alturas de Ephraïm e pintava de purpura a cadeia de montes que se estendem de Ramah ao Carmel, quando os vigias, no pico sobranceiro a Joppa, deram o sinal, indicando que a bireme imperial se aproximava.

Com efeito, uma galera com duas classes de remos, de querena doirada e velas de purpura, avançava para a praia, impelida pela brisa dôce e frêsca.

Um grande movimento se notou então na galera e na cidade. A guarnição, os soldados que acompanhavam Pomponius Flaccus, êste em pessoa com uma multidão de pessoas da sua casa, desceram á beira-mar, precedidos pela comissão de Jerusalem, seguidos de toda a população.

Na bireme, os scilicianos limpavam solicitamente o orvalho da noite, estendiam os tapetes de Cartago, e os escravos de Claudia enfileiravam para receberem a senhora que se levantavam e subia á coberta.

ESTANCIA TERMAL DAS TAIPAS

(Situada a 14 quilometros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas, (sodicas e cálcicas), cloretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, *radioactivas*

AS ÚNICAS AGUAS DO PAIZ PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PÉLE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratorios, digestivos e gènito-urinario; réumatismo; manifestações artriticas e sifiliticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção de uma Medica

INSTALAÇÕES COMPLETAS PARA ELECTROTERAPIA

CLINICOS DA EMPREZA—Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevêdo Fernandes.

ÈPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de outubro

"PROSPERIDADE"

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Maritimos

Sede no PORTO:

RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES:

António José Peixoto da Costa

Rua da Republica, n.º 144

DEPÓSITO DE PÓLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros
PORTUGAL PREVIDENTE

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes.

Completo sortido em molduras para quadros.

Papel para forrar casas.

Azulejos e mosaicos.

Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negocio.

Drogaria: Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.sr

78, R. da Rpública—Guimarães

FARMÁCIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 1 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmaceuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapeutica.

AO Ex.mo corpo clínico
AOS SEUS AMIGOS
Ao público em geral

Participam-no

Manuel Jesus de Sousa & C.a

O REPUBLICANO

Propriedade do Centro Democrático Vimaranense

(Publica-se aos sábados)

Ao Cidadão

Internato Municipal de Guimarães

Direcção e administração autónomas

Instrução primária

Instrução secundária

Música—Pintura.

O REPUBLICANO

Propridade do Centro Democrático Vimaranense

Publica-se aos sábados

Preço da assinatura

Ano	1$20 cent.
Semestre . . .	$60 »
Brazil, ano (moeda forte)	2$50 »
Numero avulso. .	$03 »

Preços das publicações

Anúncios e comunicados, por linha	4 cent
Repetição, por linha . . .	2 »

Permanentes, contracto convencional.

Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.